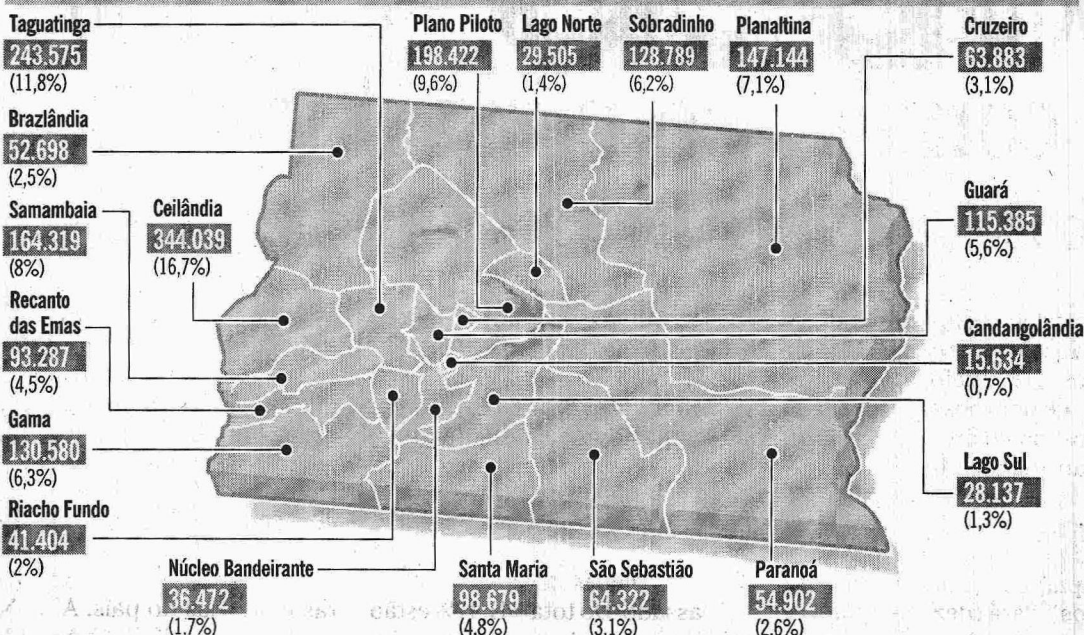


O crescimento do entorno de Brasília

MORADORES POR REGIÃO ADMINISTRATIVA



Prosperidade de Primeiro Mundo, violência de terceiro

Brasília é a quinta no país em mortes por arma de fogo

Lisandra Paraguassú

• **BRASÍLIA.** A capital federal tem a maior renda per capita do país. Está entre as cidades com maior nível de educação. Tem o maior número de policiais por habitante, com salários acima da média nacional e sem problema de equipamentos. Mas é a quinta unidade da federação em homicídios por armas de fogo, e tem a sexta maior taxa de mortalidade entre jovens de 15 a 29 anos. Rica como uma cidade de Primeiro Mundo, Brasília completou 44 anos na última semana ilhada por um mar de miséria e sem conseguir controlar a violência.

Hoje, a cidade é a campeã de seqüestros-relâmpago em relação ao número de habitantes. São 11,3 por 100 mil moradores, enquanto no Rio de Janeiro são 2,67. Só nos dois primeiros meses deste ano aconteceram 98 casos, 156% a mais que no mesmo período de 2003. Esta modalidade de crime tem feito a violência, antes concentrada na periferia, chegar cada vez mais perto do centro rico da cidade, o Plano Piloto.

— Apesar de constantes, os seqüestros-relâmpago não engordam o número de homicídios. Mas eles assustam, porque atingem a classe média — analisa o sociólogo da Universidade de Brasília (UnB) Arthur Trindade, que faz estudos sobre a violência.

O número de homicídios é o dado usado pelo IBGE para

classificar estados e cidades em relação à violência. No Distrito Federal, são 37 por 100 mil habitantes, o que o deixa em quarto lugar no país — mas em 14º quando comparadas apenas as regiões metropolitanas.

Apesar do maior número de ocorrências ser justamente no Plano Piloto, não é ali que estão os casos mais violentos.

— A maior parte dos casos é de crimes contra o patrimônio porque é no Plano Piloto que está a renda. Os homicídios estão mais concentrados na periferia — diz o coronel Wesley Maretti, coordenador de planejamento da Secretaria de Segurança do Distrito Federal.

Coronel tem duas explicações para violência

A secretaria não fornece dados completos mais recentes sobre crimes. As últimas informações disponíveis são de junho de 2003. Até essa data ocorreram 289 assassinatos no Distrito Federal, quase 50 por mês. Maretti tem duas explicações para os altos índices de violência. Um deles seria o fato de a cidade ter um sistema de registro de ocorrências informatizado, o que aumenta a precisão dos dados. O outro, seria a pressão social do entorno e da periferia.

— O que atrai para a cidade é a riqueza, mas nem todos conseguem o que gostariam — diz.

Roberto Aguiar, professor da UnB e ex-secretário de Segurança leva adiante a análise da pressão social como causa da

violência. Aguiar lembra que a cidade representa a miragem de uma vida melhor, mas não tem mais espaço para todos.

— Brasília não é uma cidade produtora, o setor público não emprega mais como antes. A periferia cresce muito rápido, sem emprego. Forma um caldo de gente necessitada em que a tensão é maior e a presença de armas, também — analisa.

A soma desses fatores cria uma violência que mesmo uma polícia bem paga, bem treinada e equipada não consegue evitar. A cidade tem 989,7 policiais por 100 mil habitantes, quando a média nacional é de 281. O salário inicial de um soldado da PM é R\$ 1,3 mil. Um cabo ganha cerca de R\$ 2,1 mil. Um policial civil em início de carreira recebe R\$ 3,7 mil.

— Não se resolve o problema da criminalidade somente com homens, equipamentos e carros. É preciso toda uma ação social, que vai incluir esporte, escola, emprego e lazer — diz Aguiar.

Uma pesquisa feita pela historiadora Eleonora Zaccari com dados do antigo Juizado de Menores, entre os anos 60 e 90, mostrou que, ao menos entre os jovens, não há picos de violência. O número de casos aumenta na mesma proporção em que cresce o número de jovens. Mais uma vez, os casos concentravam-se na periferia.

— É mais gente chegando com esperança de uma vida melhor, esperança que não se confirma — diz Eleonora. ■